

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*Poderes publicos, álerta*, por Elias de Sampaio.—*Secção Religiosa: As filhas de Maria aos pés do Santo Padre.*—*Secção Scientifica: Os principios cathólicos perante a razão, XXI, Martinho Lutero*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.—*Secção Historica: Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 12.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—*Secção Critica: A questão agraria da Mãeira—As verdades e a justiça*, por José Carlos de Faria e Castro; *A Revista Moderna*, por Sousa Maia; *O mes Marianno no sertão de Pernambuco*, por Albino Moreira de Sousa.—*Secção Litteraria: M. A.*, poesia, por Mattos Ferreira.—*Secção Necrologica: Retrospecto da Quinzena*, por J. de Freitas.

Gravuras: *Primeira perseguição (Pombalina)—Guerra aberta dos governos contra os Jesuitas; Segunda perseguição—Guerra cobarde da imprensa contra os Jesuitas; Terceira perseguição (a actual)—O malandrimismo sem posição, deita-se ao sol e faz guerra aos Jesuitas, no ar.*



PRIMEIRA PERSEGUIÇÃO (POMBALINA)
GUERRA ABERTA DOS GOVERNOS CONTRA OS JESUITAS

Poderes publicos, álerta!



nosso paiz está dando um espectáculo tão vergonhosamente acanhado; o jornalismo tem occupado aqui, um logar tão pelintramente infame, que não nos admira que amanhã, esse

canalhismo que anda a perturbar o socego publico, a fazer nascer reccios, se apresente na rua sobraçando o bacamarte do bandido, para fazer valer a ideia de meia duzia de estouvados, de homens sem posição, sem merito de qualidade alguma, mas que miram, como todos os que se lhe assemelham, ao

aniquilamento da sociedade, ao desaparecimento da propriedade, que elles teem como um roubo, porque lhe não pertence, e a afogar n'um mar de sangue tudo que é auctoridade, desde a pessoa do Monarcha, até a do mais infimo empregado publico. E' a anarchia levantando a cabeça

ávida de sangue, nos comícios, nos artigos dos jornaes, e em toda a parte onde a boa fé d'este bom povo os deixa exercer a sua infamissima propaganda de destruição e ruina.

Agora são os comícios anti-jesuíticos, onde o rancor e o odio a tudo que é santo e digno de respeito se manifesta evidentemente; é o jesuita o inimigo, é contra elle que dirigem seus tiros esses canibae, esses homens atolados no vicio, essas feras que vivem nos povoados sem ter mão bemfazeja que lhe lance a bola municipal, que exproprie essas nullas entidades por utilidade publica, para evitar que elles em breve levantem o colo e alastrem de desgraças o solo abençoado da Patria que é nossa.

Urge que os poderes publicos tomem providencias, e providencias serias, porque um paiz, todo um paiz, não pôde estar sujeito ao garotismo desenfreado, a esse continuo alarmar as turbas, a esse descarado chamar os povos á revolta. Não, ministros do Rei de Portugal; os portuguezes, nascidos e creados á sombra da cruz, e escudados ainda com a vossa carta constitucional, que declara Religião do Estado a Religião Catholica Apostolica Romana, não podem estar sujeitos aos insultos e aos apupos do canalhismo, quer elle se apresente roto e immundo, ganhando o salario que lhe dão, á porta dos templos, de pedra em punho para ferir os bons filhos da Igreja, ou se mostre engratado no tablado troanesco dos comícios, ou nas columnas dos jornaes, insultando, calumniando, blasfemando de tudo quanto dezoito seculos tem respeitado.

Não pôde ser, snrs. ministros da Coroa, e nós protestamos contra uma tal tolerancia, que hade levar o paiz á borda do abysmo, que hade riscar Portugal do mappa das nações da Europa, que hade fazer d'este povo, um povo escravo.

E' forçoso enfrear a Revolução, e se o não fizerem, a culpa será toda dos governos. Ha dias um jornal punha em duvida a virtude da Rainha, da Princeza Real, da alta nobreza da capital, fallando da ulla kermesse; depois eram os pascacios de Aveiro, atacando brutaemente as Irmãs Hospitaleiras, cuspidando insultos á memoria do Padre Beirão, d'esse santo homem que passou a vida praticando o bem e que ninguem se lembrara de dizer d'elle o que o infame e nojento pasquim *O Povo d'Aveiro* se abalançou a dizer.

Este jornaleco immundo, vergonha de um paiz civilisado, traz a publico umas choradeiras de Antonio Augusto Coelho de Magalhães, choradeiras que o *Progresso Catholico* desmentiu anticipadamente, declarando não ha muito

que a filha d'este patusco fôra para Irmã da Caridade, porque estava n'um convento de Aveiro abandonada pelo paie; não carecemos de refutar o torpe asnear do liberalissimo pasquim. Quanto ao mais que diz das Irmãs da Caridade, só temos a dizer que apresente factos, que assigne o escripto com um nome que possa responder em juizo, e nós lhe abriremos as portas do carcere, ou lhe promoveremos passagem gratuita para as costas d'Africa.

Entre outras sandices, diz o dito pasquim:

«As Irmãs da Caridade são uns instrumentos de prostituição e os seus estabelecimentos immundissimos bordéis...»

Isto era já bastante para o povo de Aveiro se juntar e querellar d'um tão infame calumniador, por infamar a honra e a virtude das mais santas mulheres; mas já que o não faz, faremos nós um repto ao escrevinhador do *Povo d'Aveiro*, emprasando-o para que prove o que escreveu das Irmãs da Caridade, declarando-lhe desde já, diante de toda a gente séria d'este paiz, que se o não fizer, mas em termos pelos quaes possa responder nos tribunaes, teremos o direito de lhe dizer que é um infame calumniador, um coharde assassino da honra e da virtude, um homem sem dignidade, sem pundonor—um canalha.

O snr. ministro respondeu aos arruaceiros de Aveiro, que havia fazer respeitar as leis, mas isso não basta, é preciso fazer respeitar o direito dos outros e não consentir que o insulto baixo e soez faça corar de vergonha quem se preza de catholico e portuguez.

No proximo n.º mostraremos quem são os inimigos das Irmãs Hospitaleiras, e a razão porque lhe fazemos guerra.

Elias de Sampaio.

SECÇÃO RELIGIOSA

As Filhas de Maria aos pés do Santo Padre

De todas as peregrinações, que por motivo do jubileu sacerdotal de S. Santidade o Papa, foram a Roma, quer-nos parecer, que nenhuma fôra tão bem recebida, que nenhuma recebera tantas provas de paternal carinho como a das Filhas de Maria. E como não ser assim, se aos pés do Pontifice se agrupavam cem jovens donzellas, representando milhões d'essas dedicadas filhas da Virgem, que, espalhadas por todo o mundo, são o sol que illumina, com suas virtudes, todas as almas, são a

providencia, que acodem a todas as misérias com a sua caridade, são as mestras que a todos ensinam com a sua piedade, com a sua fé, com o fervor com que sabem orar, com a boa vontade com que sabem praticar todas as virtudes christãs?

Como não ser assim, se o Santo Padre via a seus pés, não uma centuria de soldados aguerridos, promptos a dar a vida pela independencia e pela liberdade de sua patria; não uma centuria de bravos guerreiros, que de longas terras viessem depôr a seus pés os despojos de cem batalhas, feridas para interesse d'um ou outro povo; mas via a seus pés cem donzellas, formosas, com a alma encendida pela fé, com o coração a trasbordar de amor para a sua Mãe celeste, para o seu Jesus, e para o Vigario de Christo, e promptas a todos os sacrificios, com as mãos abertas para distribuir aos pobresinhos o que outros esbanjam perdendo a alma, com os braços tambem abertos para estreitar em fraternal abraço todas as donzellas que ellas quereriam fossem todas suas irmãs, todas filhas da SS. Virgem, para honrarem, louvarem a Mãe de Deus, e fazel-as participantes das muitas graças que a Igreja tem dispensado a essa angelica coorte.

O *Progresso Catholico* regosija-se com tudo que possa engrandecer a Pia União das Filhas de Maria, que possa levar a alegria e a consolação a todos esses innocentes coraçãoes, que se escudam com a medalha da Pia União, e por isso não pôde furtar-se ao desejo de traduzir para as suas columnas uma interessante carta, que uma Filha de Maria, das que fez parte da peregrinação de que fallamos, dirigiu ás suas irmãs de Barcelona, narrando-lhe a maneira honrosa como foram recebidas por Sua Santidade, os favores e graças recebidas e as santas alegrias que experimentaram durante o tempo passado junto do Representante de Deus na terra.

E' digna de ler-se para se avaliar a estima em que S. Santidade tem as Filhas de Maria de todo o mundo, e para ver o quanto se afastam da vontade e dos ensinamentos do Pontifice, aquelles entes abjectos e pequenos que fazem guerra a essa santa associação, que é a paz das familias, o bom exemplo da sociedade, e a promotora de tantas obras gigantes que só a fé, ardendo em coraçãoes onde moram todas as virtudes, pôde realizar.

Lêde essa carta, formosas Filhas de Maria, e depois de a têr lido, dizemos se vos orgulhaes ou não em pertencer a tão santa aggregiação, e vós, jovens que ainda a ella não pertenceis, dizei-nos tambem se, ao ler a carta que

segue, não tivestes mil desejos de ser
tambem Filha de Maria:

«Salve! irmãs minhas, podemos dizer
hoje às Filhas de Maria; bemdito seja o
nobilissimo titulo com que é conhecida
no mundo catholico, a Grei escolhida de
Maria, as ditosas jovens, que agrupa-
das em derredor de seu Throno, lhe cha-
mam Mãe! Bemditas, na verdade, sejam
por tão singular prerogativa! seja, po-
rém, bemditissima nossa Immaculada
Mãe, e toda a gloria se tribute em sua
honra pela singularissima graça que
concedeu a todas suas filhas de serem
abençoadas singularmente por Sua San-
tidade Leão XIII, na presente occasião
de seu Jubileu Sacerdotal!

Convidadas attentiosamente pela Pre-
sidente d'Associação de Turim, inicia-
dora ha perto de dous annos do sym-
pathico pensamento de prestar home-
nagem a Sua Santidade todas as Filhas
de Maria do mundo, por meio de offer-
tas e representação de todas as Asso-
ciações, nos unimos desde logo a tão
bella idéa, esperando o feliz dia em
que reunidas nos prostrassemos ante o
Vigario de Jesus Christo, para fazer
publica proffissão de nossa fé e incondi-
cional adhesão á Egreja.

Estavamos na persuasão que teria-
mos audiencia nos ultimos dias do mez
de maio, quando recebemos no domín-
go de Ramos uma carta e telegramma
em que se nos communicava, que no
dia 5 de abril seriamos recebidas por
Sua Santidade, o que nos fez apressar
a viagem, partindo no sabbado Santo
para a cidade eterna com a venia e
benção do nosso Ex.^{mo} Prelado. Apesar
da rapidez, pudemos formar a commis-
são, com certeza a mais numerosa de
quantas assistiram, composta da Presi-
dente da nossa Archiconfraria D. Adela
de Busanya, D. Carmen de Sagarra,
D. Dolores de Delas de Sagarra, D. Car-
men, D. Teclina e D. Dolores Tintoré
(acompanhadas as ultimas de sua res-
peitavel mãe, D. Francisca Mercader de
Titoré) todas filhas de Maria, e da que
tem o prazer de dirigir-se a vós, irmãs
minhas, presididas pelo nosso dignissi-
mo Director; cuja commissão represen-
tava não só a Archiconfraria de Barce-
lona, mas quantas Associações de Hes-
panha haviam contribuido com suas es-
molas para o presente e dadiva que
iamos pessoalmente offerecer ao Santo
Padre.

Com fraternal carinho fomos recebi-
das ao chegar a Roma, dando-nos as
ultimas instrucções S. Excellencia Mon-
senhor Bianchi, arcebispo de Nicosia.

A's onze da manhã do dia 5 de abril,
viam-se chegar ao grandioso e soberbo
peristyllo de S. Damazo do Vaticano,
numerosas carruagens, tiradas por uma

parelha de cavallos, completamente
cheias de Filhas de Maria de diversos
paizes e linguas, vestidas todas com
elegantes e artisticos trajas de lã bran-
ca, faixa de moiré e véo de gaze da
mesma cór, uniformemente feitos, bri-
lhando sobre o peito a medalha da Pia-
Lnião pendente de larga fita de moiré
celeste. Subimos as escadas d'honra,
sendo conduzidas ás habitações parti-
culares de S. Santidade, onde iam
ser recebidas.

Como descrever-vos, irmãs minhas,
espectaculo tão bello e tão commoven-
te? Umas cem filhas de Maria, vestidas
de branco, reunidas alli com o mesmo
fim, e cujos corações pulsavam anima-
dos por igual sentimento, representa-
vam ainda que em tão pequeno nume-
ro todo o orbe catholico, por ser nu-
merosas as associações de longinquos
paizes que uma só das associadas tinha
que representar por ser impossivel a
muitas emprehender tão longa viagem. Ao
saber que entravam as hespanholas
correu ao nosso encontro uma bellis-
sima joven do Brazil com quem pode-
mos falar no nosso bello idioma e o
fazemos com o mesmo carinho como
que se fossemos antigas amigas, pois
que alli todas nos abraçavamos como
irmãs. Diversas commissões de Italia e
França, Inglaterra, Allemanha, Polonia,
Austria, Portugal, Americas do Sul e
Norte, e até a Patagonia, todas alli ti-
nham suas representantes, sendo re-
presentada a ultima por uma joven do
paiz, que acompanhava as irmãs da
Missão. Não é verdade, irmãs minhas,
que não exagero dizendo-vos, que só
um nobre e elevado pensamento nos
unia?

Só assim podiamos encontrar-nos
reunidas longe da patria com um laço
tão fraternal, filhas de familia todas, e
tão jovensinhas algumas, acompanhadas
por seus paes e irmãos, que fizeram o
sacrificio d'esta viagem para dar-lhes
a consolação de representarem perante
o Santo Padre a pia Associação a que
pertencem, e dizer aos pés do Vigario
de Jesus Christo: Santissimo Padre, to-
das as filhas de Maria vos amam, e
não ha paiz nenhum excluido n'esta
demonstração de filial carinho, que hoje
vos dedicamos.

N'aquelles preciosos momentos as
nossas queridas irmãs de Barcelona,
e de todo o mundo prostradas aos pés
da Santissima Virgem rogavam pela
Egreja e pelo Papa, e se uniam espiri-
tualmente a nós, que tinhamos a feli-
cidade de represental-as. Ao romper
da manhã haviam celebrado commu-
nhão geral e durante todo o dia con-
servaram o altar da Virgem deslum-
brantemente illuminado, indo mais lon-
ge ainda as nossas irmãs de Barcelona,
que todo o dia se conservaram deante

do altar da nossa divina Protectora,
revezando-se de meia em meia hora
as oito filhas de Maria, que tão devoto
preito prestavam à Rainha das Virgens.
Quanto lhes devemos! Com suas orações
redobravam ellas o regosijo que nossos
corações não podiam conter; mas tam-
bem nós, filhas como ellas de Maria
Immaculada, impetravamos para ellas
as mesmas graças que para nós pedia-
mos.

Reunidas todas as commissões, col-
locou-se a presidente geral à direita
do throno d'onde se havia sentar Sua
Santidade, merecendo a alta distincção
de estar collocada à sua esquerda a
representação hespanhola, e distenden-
do-se por ambos os lados, em primeiro
logar as que, além da offerenda geral
levavam algum donativo particular para
entregar ao Santo Padre, formando todo
o conjuncto um verdadeiro semi-circulo.
Em um angulo do salão, immediato ao
throno, achava-se collocado o magnifico
frontal bordado, dadiva das filhas de
Maria de todo o mundo, e muitos outros
objectos que deviam entregar-se res-
pectivamente pelas commissões donde
procediam, notando-se entre elles a
nossa symbolica e rica palmatoria.

Perto do meio dia a guarda nobre
penetrava no salão, e poucos momentos
depois cahiamos ajoelhadas ante a fi-
gura veneravel e cheia de bondade do
nosso immortal Pontífice Leão XIII. Que
impressão, minhas irmãs!

Com voz alegre exclamou o Santo
Padre ao passar em meio de nós: «To-
das, todas filhas de Maria!» Ao approxi-
mar-se do throno dirigiu uma rapida
vista pelo salão, reparandó em varios
sacerdotes, entre os quaes occupava
um dos logares d'honra o nosso digno
Director a quem perguntou, quem eram
todos aquelles sacerdotes, e tendo-lhe
respondido que eram os directores das
Associações alli congregadas, apresen-
tou-lhe particularmente o de Barcelona,
que acompanhava as de Hespanha,
ajoelhou-se o nosso director a seus pés,
ouvindo de Sua Santidade as seguintes
palavras:

«Bom Hespanhol! os hespanhoes são
os privilegiados de Maria!»

Imaginai, minhas irmãs, a emoção
que sentimos n'aquelle momento, todas
as que tivemos a felicidade de nascer
e viver n'esse paiz classico do amor a
Maria e ouvir o Soberano Pontífice con-
firmar o que cada hespanhol guarda
em sua alma como o mais rico thesoiro.

Em seguida ajoelhou-se junto ao thro-
no a nossa irmã Maze de la Roche e
com dulcissimo accento e voz commo-
vida leu a bellissima e terna mensagem
que já conheceis (1) á qual Sua Santidade

(1) Esta mensagem publical-a-hemos n'um
dos proximos numeros.

com entoação de paternal affecto e por espaço de tres quartos d' hora se dignou responder, tendo-nos a todas que o escutavamos absortas e cheias de emoção, regosijando-nos de ter a alta honra de ser filhas de Maria, bendizendo a hora em que demos nossos nomes para a Pia Associação, e formando serios propositos de ser fieis até à morte aos conselhos que o Santo Padre nos dava.

(Continua)

da Escripura, e por ellas julgarão das restantes.

S. Paulo, na sua carta aos Romanos escreve (1): «Concluimos pois que o homem é justificado pela fé;» e Lutero acrescentou a palavra *só*, deixando d'este modo provada a sua doutrina sobre a justificação só pela fé e sem necessidade do sacramento da penitencia nem das boas obras.

O mesmo Apostolo, na sua primeira

«montadas distancias e dos ultimos confins da terra;» e Lutero annota este versiculo com o escandaloso commentario, que por decencia deixamos em latim, tal qual se encontra na censura de Emser: «Nihil melius in terra amore mulierum, si haec sors obtingat alieni...» etc.

Os breves exemplos que expomos à consideração dos nossos leitores, teem por objecto fazel-os ver a infidelidade



SEGUNDA PERSEGUIÇÃO

GUERRA COBARDE DA IMPRENSA CONTRA OS JESUITAS

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

XXI

Martinho Lutero

(Continuado do n.º anterior)

EVEMOS apresentar aos nossos leitores imparciaes algumas das muitas adulterações que Lutero fez licenciosamente na sua traducção

carta ao Corinthios (2), diz: «Acaso não temos nós poder para levar por toda a parte uma mulher irmã?» e Lutero substituiu a palavra *irmã* pela palavra *mulher propria*. S. Paulo escreveu *sororem*, mas o heresiarcha traduziu *uxorem*, para auctorisar o matrimonio dos ecclesiasticos protestantes.

Lê-se no livro dos Proverbios (3): «Quem achará uma mulher forte? seu preço excede a tudo o que vem de re-

que as Biblias protestantes guardam entre as suas versões e o original. Ha n'ellas numerosas adulterações e tão graves como as deixamos indicadas; e não deve esquecer-se que a maior parte das seitas separadas da doutrina lutherana procuraram traduzir a Biblia accomodando o texto aos seus erros peculiares, de sorte que todas as escholhas protestantes teem a seu favor a auctoridade d'aquelles livros, resultando d'ahi dogmaticas oppostas e contradictorias appoiarem a sua falsa crença nas Sanctas Escripuras.

A obra da reforma ficou emfim ter-

(1) Cap. III, v. 28.

(2) Cap. IX, v. 5.

(3) Cap. XXXI, v. 10.

minada quando a sua doutrina pôde achar na Biblia textos que a sancionaram. A Allemanha inundou-se d'estes livros que a imprensa reproduziu com prodigiosa actividade, e fizeram-se novas traducções melhores que as de Luthero, posto que não menos infleis.

Os sectarios, providos de Biblias, exerciam a seu antojo a faculdade de interpretal-as, e até as mulheres se crêram com o mesmo direito que os homens para o magisterio e sacerdocio, visto que o titulo do seu baptismo era sufficiente para desempenharem todas as funcções ecclesiasticas desde a cura d'almas até ao episcopado (1).

A egreja protestante, submettendo-se no seu fóro interno á auctoridade civil, converteu-se em instituição humana regida por ministros sem caracter religioso, nem outro titulo para exercerem as suas funcções ecclesiasticas que os diplomas de aproveitamento e sufficiencia passados pela universidade; e o estado dispõe de mais uma dependencia sobre a qual pôde estender a sua destruidora centralização.

Ao jugo suave e paternal da jurisdição catholica succedeu a arbitrariedade governativa, erigida em oppressora tyrannia das consciencias, com os seus ordinarios regulamentos, circulares e instrucções. Os sectarios chamam despotismo clerical á acção justa e benéfica que a moral mais doce e sancta exerce sobre os costumes do christão; e que diremos nós sobre essa cega e absoluta subordinação da consciencia que se escravisava servilmente aos poderes publicos?

Não pôde discorrer-se despotismo de peor genero que o inventado por Luthero com o fim de destruir a jurisdição do Papa. Recorde-se o que referem as historias de Inglaterra e da Allemanha a respeito d'aquelles principes que exerciam o seu poder no fóro interno: regulamentavam a liturgia, roubavam as egrejas, e augmentando as necessidades publicas, reduziram os seus vassallos á oppressão mais humilhante. Ha de confessar-se que do protestantismo nasceu a hypocrisia da liberdade, explorada sempre pelos poderosos. Liberdade! magica palavra que se emprega unicamente para enganar o povo, fazendo d'ella um lamentavel abuso, e convertendo-a em repugnante sarcasmo do mais sancto direito concedido ao homem pelo seu Creador!

A Egreja catholica reconhece como

(1) Luthero escreveu: «Omnes quot-quot baptizati sumus aequaliter, sumus sacerdotes, nullum sacerdotibus super nos et jus imperii.

«Christiani omnes sunt aequaliter sacerdotes, eandem in verbo et sacramento quot-quot habent potestatem.»—*Op. Lut.*, tomo II, p. 297.

dogma o livre arbitrio, origem purissima d'onde procede a liberdade humana; mas os sectarios que impugnam este dogma (1) não podem comprehender aquelle inextimavel dom, e a sua bastarda liberdade só despede um brilho apparente, que as desordens e o vicio brevemente empanam. A falsa liberdade que se revolve no abysmo agitado pelas paixões revolucionarias, não pôde confundir-se com a verdadeira e sancta liberdade, que tão pura se conserva nos principios salvadores da nossa caritativa Egreja.

(Continua)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

12.º

(Continuado do n.º anterior)

XXI

P. João Pedro Pinamonti

Por este sabio e virtuoso jesuita, como dissemos, companheiro dos trabalhos e do zelo do P. Paulo Segneri, nas missões que teve nas principaes cidades da Italia. Occupou-se n'este exercicio piedoso por vinte e seis annos.

João Pedro Pinamonti nasceu na cidade de Pistoia (Italia), em 1632, entrando na Companhia de Jesus em 1657. Depois da morte do P. Segneri, ainda continuou por algum tempo a exercer o munus apostolico de missionario com ardente zelo e com grande fructo.

Cosme III, Granduque da Toscana, o escolheu para seu director espiritual, cargo que o virtuoso jesuita desempenhou dignamente. Falleceu piamente a 25 de junho de 1703.

Ainda que o P. Pinamonti não se distinguisse pela eloquencia, como Segneri, os seus sermões foram muito applaudidos e tiveram grande fama em toda a Italia, e eram cheios de unção e de piedade.

As suas obras, escriptas em italiano, e que quasi todas versam sobre assumptos de mystica, foram traduzidas em diversas linguas; algumas conhecemos nós, vertidas na lingua portugueza.

Escreveu tambem uma obra importantissima que tem por titulo—*A Synagoga desenganada*; n'ella demonstra o

auctor a cegueira dos judeus e a verdade do christianismo, por um modo claro, com tanta precisão como força. Em summa, o P. Pinamonti foi um zeloso missionario, de grande nomeada, e as suas obras espirituas foram recebidas com applauso em todas as nações.

XXII

P. Rodrigo Arriaga

Nasceu na Hespanha, em 1592, entrando ainda muito joven na Companhia de Jesus, de que foi ornamento pela sua sciencia e virtudes. Ensinou philosophia e theologia dogmatica e moral em Valladolid e Salamanca, e depois na Universidade de Praga, na Bohemia.

N'esta ultima universidade teve o importantissimo cargo de chanceller por doze annos, e prefeito geral dos estudos por vinte annos; e alli tomou o grau de doutor em theologia.

Rodrigo Arriaga tornou-se conhecido em toda a parte pelas suas obras philosophicas e theologicas, as quaes, realmente, revelam genio, agudeza o e erudição. Ahí se descobre uma grande força de raciocinio e solidez de doutrina. Os seus tratados de *logica* e *metaphysica* são muito estimados, e como theologo foi de grande consideração nas escholias catholicas.

Alguns o tem accusado de sustentar em philosophia muitas opiniões inuteis e cheias de subtilidade. Admittindo, porém, que assim devam qualificar-se muitas das questões agitadas por Arriaga, esse tal ou qual defeito não é propriamente d'elle, mas da epocha em que escreveu. Todos então tratavam de taes questões, e sem o seu exame ficaria incompleta a philosophia.

N'esta parte concordamos plenamente com o que diz D. Miguel Sanches, profundo theologo hespanhol, dos nossos dias, tratando do P. Suares, e que igualmente tem applicação ao P. Arriaga, de que nos occupamos. Sanches pensa da maneira que fica declarado.

Rodrigo Arriaga foi muito estimado dos papas Urbano VIII e Innocencio X, do imperador Fernando III e de todas as Universidades da Europa. Era tão douto como pio.

Morreu em 1667.

(Continua).

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

(1) Carlostadio negou a liberdade humana, e Luthero dissera que se o homem é livre, só tem liberdade para obrar mal: *Opera justorum sunt mortalia peccata.*

SECÇÃO CRITICA

A Questão Agraria da Madeira

As verdades e a justiça!...

(NOVA SÉRIE DE OBSERVAÇÕES)

Eu d'esta gloria só fico contente
Que a minha terra amo e a minha gente.
Dr. Antonio Ferreira—*As Dons Engenheiros.*

Os artigos precedentes dissemos, que as condições economicas e politicas dos povos da Madeira melhoram-se:

1.º Desenvolvendo a instrucção, e a industria nas classes populares; 2.º desenvolvendo a viação publica, e tirando as levadas indispensaveis para aproveitarem-se as aguas uteis á irrigação das terras; e

3.º Arborizando as serras, quer do Estado, quer dos municipios, regulando-se o seu uso.

Na penultima administração progressista, um benemerito deputado pela Madeira, o muito reverendo Alfredo Cesar d'Oliveira, actualmente, conego da sé d'Evora, havia apresentado um projecto de lei sobre este imperioso melhoramento madeirense; mas que fez o Governo? nada. Que fizeram os deputados que vicram ao depois? tambem nada.

As serras da Madeira, estão agora todas ou quasi todas em relva; despidas completamente, em certos concehlos, dos matos e lenhas os mais necessarios para a vida domestica dos povos.

Estes usavam em commum d'essas serras, d'onde tiravam madeiras, lenhas, matos e pastagens. Ora é evidente que todos gosando e destruindo, e ninguem melhorando, inconscientemente os povos cavavam a sua ruina, damnificando os productos das serras, que, como fica dito, achando-se agora em relva, não têm para os seus usos diarios.

Além d'isso, todos os annos o lume faz grandes estragos nas serras, e isso faz com que as aguas faltem ás terras; os gados fogem consequentemente para as terras cultivadas, por falta dos alimentos que nas serras já não têm egualmente; e assim é ruina sobre ruina!

A estas imperiosas necessidades, que faltam presentemente aos povos da Madeira, vem juntar-se aquella refinação horrorosa dos senhorios, que descrevemos já, na partilha dos fructos das terras.

Actualmente os camponios pagam os productos das suas bemfeitorias como se os comprassem nos mercados.

Emquanto houve canna d'assucar, os camponios não clamavam tanto a sua

amargurada existencia, porque com o dinheiro da venda das cannas pagavam as rendas, matos, e aguas; agora que as terras que davam cannas d'assucar estam de batata doce e de trigo, dois productos que pouco valem ali nos mercados (o trigo valeu este anno a 580 reis; a batata de 100 a 120 reis!), é lastimoso o seu viver.

Como poderá o cazeiro ajuntar para o senhorio 20,5000 réis, termo medio das suas rendas, vendendo os objectos da sua lavoira por preços tão minimos?!... E que se note que o Colono não é ouvido nos alvidramentos dos fructos das terras pelos senhorios, e senão paga, ou não aceita o que lhe é imposto, lá é arrastado aos tribunaes, onde fica sem pelle e camisa, porque geralmente nem tem quem lhe defenda a sua justiça nos tribunaes.

Verdade, bem verdade! Triste, bem triste!

* * *
EPILOGO

Um digno par ilheo, tratando na camera dos próceres, no começo d'este anno, da crise economica da Madeira; abre o debate assim: «*Ainda bem que ha oportunidade para dizer verdades e para pedir justiça*».....

Promptos, á escuta, emmudeceram todos,
Ao passo que exordia o padre Euéas
Do excelso tóro:— Mandas-me, ó rainha,
Renove a dôr infanda; o como os Danaos
D'Ilho a pujança e o reino lamentavel
Derrocaram; misérias que eu vi mesmo
E em que fui grande parte. Ao relatal-as,
Dolope ou Myrmidon, de Ulysses duro
Ha soldado que as lagrimas estanque?

.....
Mas, se he teu gosto ouvir os nossos casos,
E em breve o extremo afã saber de Troia,
Bem que á lembrança lucto e horror me ca-
quivam,
Narral-os vou.....

Jaz Tenedos á vista, ilha famosa,
Próspera á sombra do priameo scoptro;
Hoje ermo pórtio, ás quilhas mal seguro:

.....
Eis atrás maniatado alguns pastores
Ao rei com vozeria um noço trazem;
Que artoiro, ignoto, adrede os encontrara,
De animo firme em dar nos Gregos Troia,
Ou na empresa acabar. Curiosa acode,
E avida se atropela e o cérca e apupa
A rapazia. Agora ouve a tramaio,
Por um crime avalia os Danaos todos.
Perante a multidão, turbado, inerte,
Pára, e olhando circumda as phrygias turmas:
«Que mar, grita, ou que terra ha de acolher-me?»
Ai! que me resta? A patria proscreveu-me,
E os Dardanos meu sangue infensos pedem!

(Virgílio, Livro II).

AS VERDADES: «Os proprietarios na Madeira luctam com difficuldades tamanhas, são tão lastimosas e precarias as suas circumstancias, que não podem

prestar aos colonos ou rendeiros o auxilio que sempre lhes prestaram n'outras épocas (!!!). Os colonos, em geral, não podem pagar as rendas a que são obrigados.»

Nada mais disse!... o digno par eleito pela Madeira!...

A JUSTIÇA:

«Das-lhe plantas, e bacellos, Mais levadas, e viação:
No novo «Eden» madeirense Não precisa o rustico a instrucção...
Da Colonia, fallar seria morrer; Sem os escravos, é arriacar a eleição;
A todos mimos: os Regeneradores deram libras,
Os Progressistas nossos... ballas dão;
Auxilio ao senhorio, engodo ao pobre villão;
Caras sairão as serras com nova arborisação;
Mas que ventura!... os apoiados dos esclarecidos próceres!...
—Que dam certo... o Porto da Salvação!... (1).»

* * *

Em 1883, tres annos antes da molestia na canna doce, época em que a producção das cannas d'assucar e plantações chegaram á sua maior fertilidade e lucro, era do modo seguinte como certos senhorios na Madeira auxiliavam os colonos:

DOCUMENTO

«Declaro que dei licença a F. solteiro, para fazer uma casa com um sobrado e coberta de telha sobre a minha terra que o dito F. colonisa no sitio da Tullha da Lombada dos Esmeraldos, freguezia da Ponta do Sol. As condições d'esta licença e as dimensões da casa constam da obrigação assignada pelo colono a qual se acha em meu poder e são que pagará annualmente duas galinhas ou oito centos reis, que a casa será exclusivamente destinada para morada do colono e sua familia, e em todo o tempo o poderei excluir da dita casa pagando-lhe o valor d'ella. Além da casa e entre ella e o caminho dei licença ao colono sobredito para fazer um pequeno telheiro sujeito ás mesmas condições da casa e cuja pensão se acha incluída nos mesmos oito centos reis ou duas galinhas annuaes. Jangão 24 d'Agosto de 1883.

Agostinho d'Ornellas de Vasconcellos.
Logar dos Sellos.
Sinete.»

Este documento mostra o papel oppressivo do senhorio, e a sujeição do villão! na Madeira. O conteudo d'este documento fere bem profundamente o livre exercicio do trabalho e da industria! E' por isso que na Madeira, nada ha que admirar saído da mão do ho-

(1) Um porto franco na Madeira.

mem! nem agricultura, nem artes, nem industria, nem nada! Terra de politicos... e de escravos!!!

Ora vejam. A casa do colono foi feita na terra da Colonia, não se abateo na renda, e impoz-se a condição de só a familia do colono morar na casa! Pois não é uma tyrannia?!

O colono, Manuel d'Abreu, da Carreira, da Lombada, da Ponta do Sol, tinha bastantes fazendas da Colonia: pediu dinheiro para fazer a casa, não pôde pagar os juros, e as pensões da Colonia, teve de emigrar com a mulher para S. Paulo do Brazil. Passou a Colonia a outro, que tambem não pôde suppor os encargos d'ella, e tambem emigrou, e assim por diante em todos os colonos, que para viverem na Madeira só podem comer sementes e batatas e algum peixe, tudo isso preparado com agua e sal, e tudo o que trabalham é para o senhorio. Disse.

José Carlos de Faria e Castro.

A «Revista Moderna»

COM este rotulo acaba de me vir à mão um nojento papel, saído dos prelos portuenses, e redigido pelo sr. Heliodoro Salgado.

Sómente agora tive conhecimento da cara revista, ou melhor da revista cara do sr. Heliodoro. graças ao acaso que m'a fez entrar em casa envolvendo um objecto qualquer; e digo sómente agora porque o numero (parte) que tenho à vista, já bastante amarrotado, corresponde a 20 de março do anno corrente, data que talvez me dê logar para fazer ainda algumas reflexões sobre as idéas do illustre redactor da moderna revista. Eu que conheço, posto que superficialmente, o sr. H. Salgado, ao ver o nome de sua senhoria a firmar o primeiro artigo—*Roma e a Revolução*—aguçou-se-me de tal forma a curiosidade que não pude resistir à tentação de o ler.

Nesse desgraçado artigo, que melhor se intitulara—*Mentiras e Calumnias*—o sr. Heliodoro apparece-nos em mangas de camisa, insultando com lingua viperina o que ha de mais venerando e sagrado. Sobe ao capitolio da soberba e da petulancia, e d'ahi, tendo rasgado a historia, proclama aos quatro ventos a libertação da humanidade pelos esforços da Revolução!!!... Cobre-se com as armas oxydadas do sophisma e tem o desplante de querer que o considerem «evangelizador da Verdade»!!!... Diz que o povo pede «luz, pão e liberdade» e cynicamente tenta deslustrar o fóco d'onde irradia

toda a luz, desvirtuar a caridade personificada e enlodar a fonte crystalina de que dimana a mais pura e fraternal das liberdades!! Triste tarefa!... Satanica perversão!!... Mas não para aqui: reconhecendo a tremenda força moral que se concentra em Leão XIII, o primeiro vulto d'este seculo, receia que esse colosso o esmague e o faça cair exanime abraçado com a sua despotica liberdade! E sómente desperta d'essa pusillanidade ao ficar de chofre o «sol da Revolução»! Offuscado, porém, pelos seus fulgores, e esquecendo ou fingindo esquecer as calamidades e horrores de que foi origem, pôde apenas balbuciar que «*Roma é impotente desde que lhe faltou o apoio de Paris, capital da nação khristianissima*» (sic)! E, não obstante a categorica affirmativa do sr. Heliodoro, Paris prostra-se aos pés do grande Pontifice; e, não obstante Berlim «*dotar o mundo com as mais inesperadas soluções*...» curva-se a Alemanha à decisão do velho presoneiro do Vaticano!... Se o sr. Heliodoro visse os factos pelo seu verdadeiro prisma, se estudasse a força magnetica que attrahe a Roma os principes e os povos de todas as nações da terra, por certo que em vez d'affirmar com paixão utopista que «*Roma não vencerá, apesar mesmo da formal promessa dos Evangelhos*» pelo contrario confessaria com um allemão, cujas palavras traduz uma Revista de Paris, que o Jubileu do Papa—*c'est la victoire de la vérité sur la mensonge, de la foi sur l'erreur, de la grace sur le péché, de Pierre sur Satan, du Christ sur Bélial*.

Confessaria outrosim que—*Le pauvre prisonnier du Vatican est le triumpheateur de l'univers*; e portanto não teria caído no ridiculo de suppôr que Leão XIII precisa fazer d'um «*coche*» o «*throno opulentissimo (!) de Hildebrando*»: o seu throno são os corações con-victos e dedicados de todos os fleis, o seu reino é o universo!...

O sr. Heliodoro confessaria isto se o sol revolucionario lhe não tivera deteriorado a ratina da razão...

E que mais? Mais nada. Mais nada. porque o mais que se diz n'esse lastimavel artigo são sophismas transparentes que os engraçados desengraçados mil vezes têm repetido pelas boccas pestíferas da imprensa desbragada e pelas linguas charlatãs dos oradores dos comícios.

Porho ponto, mas não prometto ficar por aqui.

Porto, junho de 88.

Sousa Maia.

O mez Marianno no sertão de Pernambuco

(NOTAS DE VIAGEM)

ESTAMOS no fim do mez de maio, do mez consagrado a Nossa Senhora.

A devoção do mez Marianno é universal. Apesar do que alguns homens têm dito e empregado para ridicularisar esta e outras devoções das familias religiosas, cada vez mais ellas se propagam, e se generalisam por toda a parte.

O modo porque aqui, no centro d'esta provincia, se festeja o mez de Maria é simples, porém tocante e commovente.

Tive occasião de observar isto agora, n'uma viagem que fiz a Pesqueira cidade do sertão.

Em uma pequena cidade chamada Canhotinho saltei eu do comboyo, e deixei-o contente, por que para o observador e analysta este systema moderno de conducção é horrivel: com a velocidade extranha do seu andar é impossivel satisfazer-se o viajante ávido de ver e conhecer.

Parti d'esta a cavallo para Pesqueira (22 leguas) no que gastei dia e meio de viagem. N'esta cidade, estavamos em abril, antes do dia 1.º de maio já alguns tinham em frente de suas cazas mesmo na rua uma bandeirinha branca com a effigie de Nossa Senhora pintada, içada n'um alto mastro.

Em consequencia do que disse o vigario por occasião de celebrar a missa parochial, as familias não cantavam rezavam as orações, e de portas fechadas. De volta para o Recife, e depois de atravessar umas tres leguas de caminho deserto, fechado de ambos os lados por piranhas, espinheiros, marmeleiros, oiticicas, e outros arvoredos, pude quasi sempre espraia a minha vista, por uma circumferencia enorme, e então observar nas raras cazinhas que se encontram, umas de tijollo, cobertas de telha e outras, a maior parte, de taipa e muitas cobertas todas de palha de barriguda, o mesmo mastro, com a mesma bandeirinha branca, tendo uma cruz pintada sómente, a fluctuar, ao vento!

O que quer dizer aquella bandeira? perguntava eu.

Estão festejando o mez Marianno, respondiam-me.

Alguns costumam armar dentro de caza uma especie de lapinha, à falta de sanctuario talvez, enfeitando-a com fazendas de cores vivas e flores naturaes. De ordinario, quer nas cidades, quer nos povoados, o chefe da caza é quem lê no livro do mez Marianno as

orações, ou então alguma pessoa de outra familia que vem de fóra assistir. No fim todos cantam os versiculos.

O modo, como isto é feito, a devoção, o recolhimento com que fazem estes actos, deixa-nos perceber bem claramente a pureza de crenças, a fé viva na religião do bom povo sertanejo que assim rende preito de homenagem a Maria Santissima, á clemente, á piedosa, á doce virgem mãe de Deus.

Oh! se nas capitaes houvesse a crença austera e firme tal qual se vê nos simples, nas «almas puras e immaculadas» na phrase do poeta, no bom e rude povo do sertão!

Recife 31 de maio de 1888.

Albino Moreira de Sousa.

SECÇÃO LITTERARIA

M. A.

Fui lívida encontrá-la, em triste leito;
convulso raio vibrava em seu olhar.
Andavam-lhe da morte a fluctuar,
sombrias fataes no rosto meio desfeito.

Sonhava com a sciencia, umas victorias,
bem cedo desmentidas oruelmente.
Tomando-lhe nas mãos, a mão fremonte,
embalei-lhe as chimeras illusorias.

Falava ás vezes da pequena filha,
nos delirios fataes do crescimento,
e das horas, que em seu fatal tormento,
brilharam, como em sombras, a luz brilha.

Parti depois, que era mistor deixá-la;
o stím lhe osculei da eburnea tez.
Perturbado, e ao sorrir-lhe aquella vèz,
humido accento me tremeu na fala.

Ao natal berço, quando após volvi,
em luto era o teu leito, e mesto e só!
Fôras na onda, ao tormentoso pó!...
Oh minha irmã, e ou nunca mais te vi!...

Mattos Ferreira,
prior em Cintra.

SECÇÃO NECROLOGICA



HEGAM-NOS noticias do fallecimento de 3 leitores do «Progresso Catholico», tres nossos irmãos, por alma dos quaes esperamos todos offereçam a Deus suas orações.

São elles:

Os R.^{mos} Snrs. Padre José Fernandes Rato, de Braga; Padre Zeferino Machado

Borges d'Azevedo, de Requião; e Padre José Lopes Ferreira, de Mortagoa.

Deus nosso Senhor tenha as almas d'estes nossos irmãos na Gloria eterna, são os votos que fazemos, offeritando a todos um P. N. e A. M.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Desistimos de mandar fazer a cobrança das assignaturas pelo correio, e por isso pedimos a todos os nossos assignantes a graça de mandarem quanto antes satisfazer os seus debitos. Está quasi no fim o decimo anno, e ha muitos atrasos, com o que não podemos.

Nas terras onde temos correspondentes pode ser entregue a estes, avisando-nos n'um postal os que entregaram, e indicando-nos os n.ºs, e das terras onde não temos correspondentes pedimos o favor mandarem em estampilhas, vale do correio, ou por qualquer via, contanto que venha breve.

De novo pedimos aos nossos bondosos assignantes, que desejemse faça alteração na direcção do PROGRESSO CATHOLICO, a graça de nos indicar sempre os n.ºs ambos que tem a cinta, ou enviar-nos esta, sem o que é impossivel attender a qualquer reclamação.

Teixeira de Freitas.

CONTINUA a guerra, cada vez mais descarada, feita em Roma ao Santo Padre e á Igreja. Não contente a Revolução com ter vencido as eleições municipaes na cidade Eterna, não satisfeitos os inimigos do Papa, de, á custa de todas as vilanias tomarem a dianteira aos catholicos, porque teem as bayonetas, o poder, o dinheiro; não contentes com tudo isto, quizeram ainda insultar os catholicos e amargurar o paternal coração de S. Santidade Leão XIII, promovendo arruaças, dando toda a corda á demagogia para nas ruas de Roma praticar todos os actos que o vandalismo liberal aconselha, para cuspir insultos á Religião, blasfemar de tudo que é santo, e calcar a cruz que

ha dezenove seculos cobre com seus braços a humanidade, sendo-lhe amparo e escudo contra a tyrannia.

Não houve nada que esquecesse aos canibaes da nova Roma, que levantavam gritos sediciosos como estes:

«Abaixo o Vaticano! Morte aos padres! Viva a victoria liberal! Viva João Brunol! Morte aos carrascos da inquisição! A' forza o Santo Padre! Ao fogo todo o Vaticano! Abaixo a união romana (o comitê catholico)! Viva Roma intangivel! Viva Roma liberal! Viva Garibaldi! Viva Mazzini! Abaixo a canalha do Vaticano! Morte aos clericos! Viva o codigo penal! Viva o rei! Viva Crispi!»

Viva o rei! diziam elles, os inimigos dos reis! Quando chegará a occasião de as mesmas vozes soltarem gritos contra o rei, contra Crispi, e pedirem a cabeça d'ambos?

Não tardará, porque a Revolução não quer reis nem Papa; Religião nem padres.

As Irmãs Familiares do Divino Coração de Jesus, vulgarmente chamadas Irmãs dos Pobres, porque na realidade são pobres e se empregam em instruir e educar gratis meninas pobres e desamparadas, tendo apenas o producto das esmolas de pessoas suas bemfeitoras, transportaram-se de Farejinhãs, onde residiam nas casas do ex.^{mo} sr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, para as casas que uma pessoa, sua grande bemfeitora, lhes cedeu no logar e freguezia de Touraes, no concelho de Ceia, onde agora residem, e para onde lhes deve ser dirigida pelo correio de Ceia, toda a correspondencia.

Foi uma festa imponente e como sempre sympathica, a que no dia 21 do passado junho se celebrou no vasto templo de S. Domingos, em Guimarães, em honra do protector da mocidade estudiosa—S. Luiz Gonzaga.

A's sete horas da manhã houve missa cantada, commungando por essa occasião mais de 200 creanças, que na melhor ordem, compostura e fervor religioso se approximaram da sagrada mesa. Pelas cinco horas da tarde principiaram a caminhar para a igreja as creanças de todas as escolas, sendo consolador o aspecto que então apresentava a cidade, com aquellas fileiras de creanças, todas com a medalha de S. Luiz, pendente d'um laço azul e branco, encaminhando-se todas para o mesmo ponto, impulsionadas pelo mesmo pensamento.

Chegadas ao templo rompeu a musica no côro com o hymno de S. Luiz Gonzaga, que foi cantado por todas as creanças, umas mil, de ambos os sexos, que occupavam a nave central do templo.

Era arrebatador, poetico, formoso, dos jesuitas, e comicio grande, impo- tres dias a escutar a palavra de Deus, aquelle canto, formado de mil vozes ju- nente, magestoso. atravez os labios do eloquente orador venis! A concorrencia de fieis era pas- No fim do *Te-Deum* foi dada a Ben- foi extraordinaria e selecta, sendo edi- mosa, podendo calcular-se que esta- ção do SS. Sacramento, findando a im- licantissima a communhão geral na ma- riam ali mais de cinco mil pessoas, de- ção do SS. Sacramento, findando a im- nhã do dia 29, pois podemos, sem exa- todas as classes da sociedade, desde as ponente manifestação da juventude com- gero calcular em mais de 600 o nume- familias mais nobremente blasonadas, zaga, desfilando depois todas as esco- ro das pessoas que se fortaleceram com até ao humilde operario. E para que? las com as suas bandeiras e pendões. o Pão Eucharistico. Houve missa canta- O templo não tinha ricas colgaduras, a Os professores acompanhavam em sua da a grande instrumental e de tarde musica não era das que mais primoro- maior parte os seus alumnos, e as duas Sermão pelo mesmo Padre Guerra, *Te- samente costuma tocar a orchestra do- escolas de S. Francisco e Santos Passos Deum* e Benção do SS. Esta devoção ao SS. Coração de Je- nosso amigo Sr. Lucino Fernandes da eram acompanhadas das suas directo- sus, que por todo o mundo vae dando Trindade, o orador não era dos que ar- ras e mestras, as Irmãs Hospitaleiras, saborosos fructos, tem em Guimarães rastam ao templo as multidões com o caindo sobre estes dois agrupamentos,



TERCEIRA PERSEGUIÇÃO (A ACTUAL)

O MALANDRISMO SEM POSIÇÃO DEITA-SE AO SOL E FAZ GUERRA-AOS JESUITAS, NO AR

seu nome, pois que apenas fizera uma breve pratica o nosso amigo Padre Coutinho; nada havia portanto que chamasse tanta gente a S. Domingos no dia 21 de junho, a não ser o poetico da festa, e a devoção a S. Luiz Gonzaga, que lá estava no seu throno de luzes e flores. Era, era com certeza a devoção para com o santo jesuita. Que palavra nos caiu agora dos bicos da pennal! Santo jesuita! Era então uma homenagem que os habitantes de Guimarães prestavam ao Santo da juventude, a um membro da Companhia de Jesus, a um filho de Santo Ignacio de Loyola, e por isso não podemos duvidar em chamar a esta festa, usando da *gíria* mundana, um comicio a favor

de creanças todas as vistas, que eram atraídas pela seriedade e compostura das pequenas escolares. Findo dando mil parabens ao R.^{mo} Padre Antonio Coutinho, pela lembrança que teve de crear esta devoção e pela perseverança com que a tem conservado ha annos. Como conclusão do mez de Jesus que solemnemente se festejou em Guimarães teve lugar em S. Domingos pomsa festividade no dia 29, sendo pre- cedida d'um triduo de praticas feitas pelo sabio e virtuoso Padre Guerra, do Porto, que pela vez primeira viera a Guimarães. A concorrencia de fieis nos

produzido muito bem, afervorando a devoção, chamando muita gente para o templo, promovido a frequencia dos sacramentos, n'uma palavra, tem reformado muito os costumes d'este bom povo. As praticas moraes, as communhões nas primeiras sextas feiras de cada mez, etc., são muito frequentadas, e nota-se uma tendencia para o bem, um dulcificar de costumes, que muito deve agradar aos que se empenham no bem das almas.

Fallamos com alguns dos peregrinos que foram a Roma, que veem penhoradissimos para com o R.^{mo} Snr. Padre Miguel Ferreira de Almeida, pelos mui-

tos serviços que lhes prestou, principalmente aquelles mais desprovidos de bens da fortuna, o que torna sobre-modo mais meritorios taes serviços. Foi S. R.^{ma} que primeiro lhe appareceu na *gare* à chegada do comboyo, conduzindo os que não tinham alojamento, para S. João de Latrão, prestando-lhe por essa occasião innumerados beneficios, pois que se não fosse a caridade de S. R.^{ma} ver-se-hiam em graves embaraços já por não terem pessoas conhecidas ali, e já por não terem meios para se alojarem em grandes hoteis. Durante a estada em Roma foi ainda elle, o nosso amigo Padre Miguel Ferreira d'Almeida, quem os acompanhou na visita à cidade, conduzindo-os aos templos e estabelecimentos mais notaveis da cidade dos Papas, não se poupando a trabalhos e sacrificios para ser util a quem não tinha mais ninguem que os guiasse no grande labyrintho.

Uma piedosa mulher que foi na peregrinação contou-nos isto com lagrimas de reconhecimento, pedindo-nos para que fallassem n'isto, manifestando por este meio o seu reconhecimento e de todos os seus companheiros, para tão caridoso sacerdote, à caridade de quem devem o ver alguma cousa em Roma.

A'cerca da estada em Roma do Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Arcebispo Primaz do Oriente, e Patriarcha das Indias, dava-nos ha dias a *Correspondencia de Roma* as seguintes noticias, que muito gostamos transcrever:

«Está em Roma desde o dia 30 de maio o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio Sebastião Valente, illustre e apostolico Arcebispo de Gôa, Primaz do Oriente e Patriarcha das Indias.

«Tivemos já a dita de beijar-lhe o sagrado anel e com grata surpresa nossa vimos-o cheio de vida e vigor, qual nunca lhe fóra visto em Coimbra, de cuja Universidade foi ornamento, parecendo que os trabalhos e fadigas e difficuldades de 6 annos de episcopado na calida India mais o robusteceram que prejudicaram.

«Sua Ex.^a Rev.^{ma} já foi recebido pelo Santo Padre Leão XIII em audiencia particular no dia 5, audiencia que havia pedido no dia 1, à noite. N'esta promptidão com que foi recebido, vemos um claro testemunho do apreço e consideração em que S. Santidade tem o preclaro Arcebispo de Gôa e patriarcha das Indias.

«Sabemos que têm visitado a S. Ex.^a Rev.^{ma} alguns dos cardeaes mais influentes e considerados em Roma.

«O nosso embaixador juncto da Santa Sé, Sr. Conselheiro Martens Ferrão tem dispensado a sua Ex.^a Rev.^{ma} as mais subidas provas e demonstrações

de consideração, como era de justiça, já indo esperal-o à estação ferrovial, já offerecendo-lhe sua propria carruagem, já visitando-o uma e muitas vezes.

«Consta-nos que amanhã, Domingo 10 do corrente, o Sr. Martens Ferrão dará na embaixada um jantar em honra de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Patriarcha das Indias.

«Segundo o que ouvimos dizer, S. Ex.^a Rev.^{ma} demorar-se-ha em Roma até fins do corrente junho, tratando negocios de importancia relativos à sua Archidioceze. Como é muito a estima e consideração em que é tido no Sacro Collegio e nas estações ecclesiasticas de Roma, temos por certo que S. Ex.^a Rev.^{mo} conseguirá aqui tudo quanto deseja em bem das dioceses portuguezas do Oriente.

«Acompanham a S. Ex.^a Rev.^{ma} o seu Secretario, e 2 minoristas, um d'elles natural de Gôa, que vem para estudar em Roma.

«Terminaremos saudando o apostolico e sabio Patriarcha das Indias, gloria do episcopado portuguez, dando-lhe ao mesmo tempo os parabens pela feliz viagem com que veio à Europa.»

O nosso amigo R.^{mo} Snr. Abbade de S. Martinho do Campo, em Vallongo, P.^o Francisco Xavier de Souza Carneiro, veio a Guimarães assistir às festas do Coração de Jesus, e deu-nos a agradável noticia de que já tem na sua freguezia a Pia União das Filhas de Maria, o que muito estimamos saber. Brevemente lá será cantado o bello hymno, que se anda distribuindo, e que será aqui cantado tambem pelo côro das Filhas de Maria, na primeira festividade que fizerem, na igreja dos Santos Passos.

Por toda a parte festas ao SS. Coração de Jesus durante todo o mez de junho, mencionando das que nos chegam noticias: Salvador do Souto, Villa Cova, Santo Estevão de Briteros, havendo n'esta ultima festa da conclusão dos exercicios, communhão aos meninos, festa ao SS. Sacramento, etc. N'esta ultima freguezia está parochiando o zeloso sacerdote R.^{mo} Padre João J. Caetano Pereira.

Em Villa Cova preparam-se festas nunca vistas para agosto, por occasião da chegada d'uma nova imagem do SS. Coração de Jesus, que está encomendada.

Esteve em Guimarães nos ultimos dias o nosso amigo e collaborador d'esta Revista o R.^{mo} Snr. Padre Joaquim José Soares, de Padim da Graça, auctor do formoso hymno das Filhas de Maria.

S. R.^{ma} veio em romaria a S. Torquato com sua familia.

Tambem tivemos a visita do R.^{mo} Snr. Padre Manoel Francisco dos Santos Peixoto, vigario da freguezia de S. Sebastião, na Ilha Terceira, Pregador Regio e examinador pro-synodal do Bispado de Angra.

S. R.^{ma} anda em digressão de recreio pelo reino em companhia de sua Mãe, uma excellente senhora, e veio a Guimarães expressamente para nos visitar e conhecer pessoalmente, graça e distincção que jámais esquecerei.

Visitaram em nossa companhia as egrejas e hospital de S. Francisco, sendo aqui recebidos com delicadeza, fina graça e aprimorada educação pela dignissima Superiora das Hospitaleiras, Irmã S. Camillo, que não deixou por mostrar nenhuma das diversas repartições da casa. O nosso amigo recebeu n'aquella casa uma agradabilissima impressão, chegando a commover-se diante de tanta caridade, aliada a tanto aceio e boa ordem, sentindo muito não haver ali um livro especial para os visitantes escreverem as suas impressões.

A falta de tempo não permittiu que vissem os hospitaes de S. Domingos e da Santa Casa da Misericordia, o que sentimos, porque haviam agradavelmente impressional-os tambem.

A gente vem a morrer de riso só em se lembrar das parlatices dos intrujões que berram dos jesuitas e das Irmãs da Caridade. Querem nossos leitores ver como elles mentem, e com que entusiasmo? Ora leam:

O *Seculo*, de Lisboa, publicou o seguinte telegramma de Aveiro:

«Aveiro, 24, à 1 h. e 30 m. da t.—Redacção do *Seculo*—Lisboa.

Terminou o comicio contra a introdução das tres irmãs hospitaleiras no hospital da Misericordia. Concorrencia extraordinaria. Oraram no meio do maior entusiasmo Magalhães Lima, Albano Coutinho e Manuel d'Arriaga. Ovações ruidosas. Vivas à liberdade. Resolveu-se representar á camara dos deputados. Estatua de José Estevão não será inaugurada sem que sejam expulsas as irmãs da caridade. A'manhã mando carta circunstanciada do que se passou. Presidiu dr. Mendes da Rocha. Grande apparatus policial. Progressistas furiosos.

(Correspondente.)»

Outros jornaes bateram palmas, fizeram assistir ao comicio 4000 pessoas, e berraram como doidos furiosos, fingindo-se muito contentes; mas logo em seguida a critica imparcial desmentiu-os redondamente, como fez o *Diario Popular*, de Lisboa, publicando o seguinte, que é bom confrontar com o telegramma publicado pelo *Seculo*:

«Comício em Aveiro.— Os regeneradores de Aveiro, e os parentes do sr. Dias Ferreira, ligaram-se agora aos republicanos d'ali, que são inimigos flagrados do sr. Magalhães Lima, e promoveram um comício, a pretexto das irmãs hospitaleiras, umas pobres e caritativas senhoras que a mesa da Misericórdia admitiu como enfermeiras no hospital. Quizeram assim explorar politicamente os sentimentos e tradições liberaes da cidade, dando áquella questiuncula de soalheiro o vulto d'uma discussão grave. Mas saíram-se mal d'esse jacobinismo, porque o tal comício degenerou n'uma ridicula farça. Os convites eram assignados por tres dos republicanos que andam a demandar em juizo o redactor principal do *Seculo* para o obrigar a concorrer para as perdas que tem dado o *Povo de Aveiro*—o carpinteiro Manuel Christo, o alvener Francisco da Mauricia, e o marítimo José Moreira. Verdade é que por detraz d'estes tres vultos importantes da politica portugueza estão o pae Sebastião, o tio Manuel e o irmão Jayme do sr. Magalhães Lima, a puxar pelos cordelinhos. O comício teve logar n'um armazem de pescado d'um barqueiro que se appellida banqueiro, á Praça do Peixe. Não cabem lá 300 pessoas, e não estava cheio. E os que lá foram fizeram tal troça aos oradores que o comício desfez-se á gargalhada.»

Aqui tem os nossos leitores quem são os inimigos das irmãs hospitaleiras em Aveiro, e a importancia que tem os seus comícios. Fazem rir, não é verdade?

Referimo-nos no passado n.º ás noticias dadas acerca das pedradas ao collegio de Campolide, noticias que vamos desmentir, porque as taes pedradas ao collegio foi uma pura invenção de certos jornalecos, com a qual mostraram a boa vontade... Não houve taes pedradas nem foi preso ninguem por esse facto, que se não deu.

N'este tempo costumam os rapazes juntarem-se para dar lapada a papagaios (de papel) que da cerca do collegio os estudantes fazem subir aos ares, e dizem-nos até que é divertido esse afan com que pretendem dar caça aos taes volateis de papel, e que, quando conseguem pilhar algum o levam ao collegio, recebendo em paga uma certa gratificação. Aqui está a origem das taes pedradas ao collegio dos jesuitas em Campolide.

Uns meliantes que foram presos, não foi por andarem á cata de papagaios, nem por estarem juntos com os rapazes; a policia deitou-lhe as mãos por

elles andarem armados de navalhas, etc., etc.

São espertos estes senhores das *luminarias*! Queriam apedrejar o collegio, e como o não poderam fazer, ao menos, deram a noticia. Coitados!

No proximo n.º daremos a ultima Encyclica de S. Santidade Leão XIII, acerca da liberdade.

Se em Roma os catholicos não puderam supplantar á Revolução, puderam em Bruxellas, nas eleições de desempate dar uma grande derrota aos liberaes, tendo hoje os catholicos nas camaras 97 deputados, quando os liberaes tem apenas 41; e no senado 50 catholicos e 19 liberaes!

Hade alguém admirar-se de em Bruxellas, na Belgica, haver dois partidos—catholicos, e liberaes, quando em Portugal ha tambem, além d'estes dois, ainda um intermediario, a que chamam catholicos-liberaes. E o caso é para admirar; mas é porque Portugal é o paiz das raridades.

O *Aguedense* tambem botou supplemento contra os jesuitas, no qual mostrou a ignorancia e estupidez dos redactores do dito. Muito contente da sua vida mostrou uma lista das pessoas queimadas vivas pelos jesuitas em Hespanha! Tapado como um raizeiro de marmeleiro este *Aguedense* faz dos jesuitas inquisidores, fazendo-nos vontade de desviar de junto de nós, a ponta de bota, o nojento supplemento, e, por caridade, se estivermos em Agueda levariamos pelas orelhas os redactores do cujo para a escola, e dar-lhe-hiamos os livros rudimentares para aprender algo.

Emquanto alma bemfazeja não faz o que nós fariamos, mandamos a alimaria ao monte em busca de feno para matar o tempo e a fome.

Já tomou posse da reitoria de Serzedello, do concelho de Guimarães, o R.º Sr. Padre Francisco Manuel Barboza, antigo assignante do *Progresso Catholico* e illustrado sacerdote do S. Miguel do Prado.

Aos povos da freguezia de Serzedello damos mil parabens pelo bom parochio com que a Providencia divina os mimoseou.

Ha muita gente que não acredita em milagres; nós acreditamos e por isso

vamos dar conta d'um que se realisou por intervenção de S. José, segundo o testemunho da *Voz do Crente*, d'onde extrahimos a noticia:

«Escrevem do Carmo do Rio Verde sobre o facto seguinte, que é attribuido á intervenção de S. José:

«Se V. entender que deve publicar o seguinte, é testemunha a população do Carmo.

Ha dous annos que soffria de alienação mental uma filha de Carlos Gomes Nogueira: este, recorrendo aos distinctos medicos do Rio de Janeiro, com desgosto ouviu sempre o desengano.

Sendo a mãe da enferma devota de S. José, nunca deixou de orar e de fazer alguns sacrificios ou penitencias pelo restabelecimento de sua filha; esta tinha a monomania de levantar-se da cama, e não acceitar alimento algum, a não ser offerecido por pessoa estranha.

N'este estado permaneceu dous annos e alguns dias.

No dia da festa de S. José, na occasião em que pela frente da casa de Carlos passava a procissão, qual não foi seu espanto ouvindo sua filha, que até então não se lhe dirigia, chamal-o e pedir que quera vêr e beijar a S. José!

Sem demora Carlos pediu ao Vigario o favor de deixar entrar a imagem até ao leito de sua filha, o que tendo obtido levantou-se a enferma e veio ao encontro da imagem, ajoelhou-se e orando beijou-a. Não voltou mais á cama e está no seu perfeito juizo até hoje, e reconhecendo o grande milagre, dando graças a S. José, com toda a familia, no mais elevado grão de contentamento.»

Dêmos tambem graças a S. José.

Quando em Portugal meia duzia de anarchistas, com fins que todos lhe conhecemos, se esfalfam, coitados! em berrar contra os jesuitas, em Hespanha preparam-se grandes peregrinações e romarias ao santuario de Loyola, berço e solar do grande Santo Ignacio. Tem estas peregrinações por unico fim assistir á consagração do grandioso templo, levantado pela piedade christã em honra do glorioso fundador da inclita Companhia de Jesus, que tantos serviços tem prestado e está prestando á Igreja, á civilização, e á liberdade dos povos.

Acompanhemos nós tambem, ainda que em espirito, no presente mez, os nossos irmãos de Hespanha, ao Santuario de Loyola, emquanto por cá se vae dando mostras d'um barbarismo espantoso.

J. de Freitas.

HISTORIA DE SANTA MONICA

PELO ABBADE BOUGAND

Vigario Geral de Orleans

Traduzida com a permissão do auctor em 1884 pela

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS

2.ª edição portugueza

Em meio do grande cataclismo que ameaça de perto a sociedade, não conhecemos nada que melhor possa deter a onda destruidora, levantada pela descrença, do que a educação, ministrada aos filhos pelas mães christãs. Dae ás creancinhas uma mãe, e dae a essa mãe o temor de Deus, e a sociedade futura será outra que não a actual.

Mas para que as mães tenham o verdadeiro temor de Deus, para que ellas saibam ser mães e as educadoras de seus filhos, forçoso se torna que ellas aprendam com as grandes mães, que conheçam os magnificos modellos que tem de imitar. Essa grande mãe, esse perfeito modelo das mães offertamol-a aos nossos leitores e ás leitoras principalmente na mãe de Santo Agostinho, em Santa Maria, cuja historia vamos publicar em 2.ª edição, tentando com isso prestar um grande serviço á sociedade, e ás patrias letras.

Se nós conseguissemos que este livro entrasse em todas as casas, fosse lido por todas as mães, por todas as filhas; que se desse ás creancinhas, que o lessem as meninas nos collegios,

oh! que grande serviço prestado, que fonte de bens para a humanidade! Mas será o que Deus quizer, o livro está no prelo e temos esperanças de que se espalhe bem, como merece.

Formará um volume de 400 paginas approximadamente, e será impresso em bom papel, bom typo e em elegante formato em 8.º

A 1.ª edição custou 1\$000 reis, mas nós, querendo fazer larga propaganda, e facilitar a sua posse a todos os nossos leitores, estabelecemos o seguinte:

Quem subscrever para esta obra monumental até ao fim de junho, mandando com a assignatura a sua importancia, custará apenas

500 rs., franca pelo correlo

Depois d'esta epoca, em que se fará a distribuição, os poucos exemplares que restarem, custarão 800 reis. Escusado será dizer que fazemos esta edição em harmonia com muitos pedidos que já temos e contando com a cooperação de todos os nossos bondosos assignantes.

TIRAGEM SOMENTE 500 EXEMPLARES

CANCIONEIRO

DE

LEÃO XIII

OU OS VERSOS LATINOS E ITALIANOS

DE

SUA SANTIDADE

POSTOS EM RIMA PORTUGUEZA

E PRECEDIDOS DA SUA BIOGRAPHIA

PELO

P.º Joaquim José d'Abreu Campo Santo

Edição de luxo commemorativa do Jubileu pontifical

1 vol. com o retrato—2,000 rs.

A' venda na BIBLIOTHECA MALHEIRO —85, rua da Picaria, 87—Porto, e na redacção do *Progresso Catholico*.

HISTORIA POPULAR DOS PAPAS

DESDE S. PEDRO ATÉ NOSSOS DIAS

POR MR. CHANTRELL

Versão portugueza, por Antonio José de Carvalho

Approvada e recommendada ao Clero da sua Diocese pelo Em.º Sr. Cardeal-Bispo do Porto,

e approvada pelos Ex.ºs e Rev.ºs Srs. Bispos de Angra do Heroismo, Funchal e Lamego

2.ª EDIÇÃO

Está distribuido o 2.º volume aos snrs. subscriptores, em harmonia com o programma da publicação, e breve será enviado o 3.º, a todos que anticipadamente enviarem a sua importancia.

Subscrição permanente

Preço de cada volume, por assignatura 1\$200

Para os assignantes do «Progresso Catholico», que tenham pago a sua assignatura, 900 rs.—Depois de concluida a publicação, custará cada volume 1\$500, ou 6\$900 rs. a obra completa—4 volumes. Não se envia volume algum sem que seja pago anteriormente. Assignatura e importancia, a Teixeira de Freitas—Guimarães.

MANUAL DA PIA UNIÃO

DAS

FILHAS DE MARIA

SOB O PATROCINIO DE SANTA IGNEZ V. E M.

Compilado do Manual da União Primaria de Roma, do mesmo titulo, e de outros livros de piedade

PELO CONEGO

DR. ANANIAS CORRÊA DE AMARAL

E APPROVADO PELO EX.º E REV.º SNR. BISPO DE PERNAMBUCO

E approvedo e indulgenciado pelos Em.ºs e Rev.ºs Srs.

Cardeal Patriarcha de Lisboa, e Cardeal-Bispo do Porto

Este livrinho, indispensavel a todas as Filhas de Maria, por conter os estatutos da Pia União, e a regra que todas devem seguir, é tambem um verdadeiro livro de devoção, pois que além das orações de missa, confissão, communhão etc. etc. tem um copioso numero de devoções, praticas de piedade etc. etc. etc.

1 vol. de 480 paginas, com capa de percaline 400

Em melhor papel, folhas douradas etc. 600

Pedidos com a importancia a Teixeira de Freitas—Guimarães